

Arqueologia Explicada

Os dois «*Castelos*» do concelho
de Lagoa



Março 2016

Desde os primeiros anos do século XXI que se vem assistindo a uma rutura com os valores do passado e com o sentido histórico, numa perda de referências de identidade e de consciencialização pela salvaguarda do património histórico-arqueológico. A necessidade de redescobrir os vestígios das ocupações humanas mais remotas no território de Lagoa, de dá-los a conhecer às nossas gentes, traduziu-se nesta iniciativa do Serviço de Turismo de publicar regularmente textos explicativos, sucintos e claros na sua linguagem.



Os dois «Castelos» do concelho de Lagoa

No território que desde 16 de Janeiro de 1773 dá corpo ao concelho de Lagoa, há vestígios de duas estruturas fortificadas que, diz-nos a história, já existiam no tempo da reconquista do Algarve aos mouros: Estômbar e Porches. No século XII, face à necessidade de defender Silves, capital do sudoeste islâmico peninsular, a costa e as margens do rio Arade junto à sua foz, foram erguidas estruturas defensivas que funcionavam como guardas avançadas do castelo de Silves.

Diz-se que o cimo de um outeiro, na margem esquerda do rio, pode ter sido ocupado em tempos recuados, na transição da Idade da Pedra para a Idade dos Metais ou na época que antecedeu a ocupação romana, por um castro. Disso não se têm certezas, mas é ali que se desenvolve aquela que viria a ser uma das melhores alcarias de Silves, Estômbar, em torno do castelo islâmico, cujos vestígios foram descobertos no quintal de uma habitação adquirida à posteriori pelo município.

Estômbar é das mais antigas freguesias do Algarve e a mais mourisca das povoações do concelho de Lagoa. Foi nela que em 1031 nasceu, ou pelo menos viveu, *Ibn 'Ammâr*, o grande político e poeta luso-árabe, senhor de Córdova e Múrcia, companheiro de *al-Mu'tamid*, o rei-poeta de Silves. O castelo não é do seu tempo, mas dos séculos XII-XIII, datando a sua conquista, por D. Sancho I, de 1189. Seria concedido aos monges de Alcobça dois anos depois, numa doação confirmada pelo primeiro bispo de Silves, D. Nicolau.

Mas se o castelo foi tomado em 1189, ou seja quando se deu a primeira conquista de Silves, os cronistas do rei não registaram o facto, contrariamente ao que fizeram em relação a Alvor e a outros castelos da região. As fontes falam no Castelo de *Abenabeci* ou *Abenabece*, recuperado pelos mouros no verão de 1191, quando D. Sancho deixou escapar Silves. Só que a *Crónica do Cruzado Anónimo*, que relata a conquista da cidade, não o inclui entre os redutos que se renderam nesse ano.

A crónica refere, no entanto, a aldeia de *Xombos*, junto a Silves, cercada por muralhas, e que talvez tenha sido tomada depois de D. Sancho regressar a Lisboa. Ou *Xombos* era Estômbar ou o Castelo de *Abenabeci* não passava de um modesto torreão, daí não ser referido. A tomada definitiva do castelo dá-se entre 1242 e 1245, já no reinado de D. Afonso III, por forças comandadas por D. Paio Peres Correia, Mestre da Ordem de Santiago, santo que se tornaria o orago da paróquia.

Depois de definitivamente conquistado o castelo, a povoação de Estômbar poderá ter tido alguma importância no controlo da navegação do Arade, dada a sua localização. Mas, se se olhar ao facto de o castelo não ter sido incluído nas prioridades defensivas da região, dispensando investimentos na sua recuperação, ao mesmo tempo que o rio ia assoreando e Silves perdia poder, nomeadamente após a mudança, no ano de 1577, da sede da Diocese do Algarve para Faro, essa importância defensiva é, no mínimo, discutível.

Os terremotos registados entre 1309 e 1722 contribuíram para o estado de ruína a que chegou à 2ª metade do século XVIII. A devastação provocada pelo forte abalo de 1755 na povoação e arredores também teve o seu impacto, apagando-o da memória das gentes. Em 1758, o relato que o prior Mello e Cunha faz dos danos do terramoto não dá conta do castelo medieval que D. Paio arrebatara, ao passo que o *Tombo do Almojarifado de Silves* apresenta-o como «*entulho do tempo dos mouros*».

As suas pedras foram aproveitadas nas casas que o foram rodeando. Desconsiderado, abandonado e arruinado após a Reconquista cristã, de tal modo que no século XVI não passa de um mero torreão, chega aos nossos dias como restos de uma torre e do arranque de um dos panos de muralha. Terá algum dia sido mais que isso? Apesar de serem vários os investigadores a tentar desvendar o seu rasto (entre os quais João Vasco Reis), a sua história ainda está por ser escrita.

Os esforços para repelir os mouros de Silves, após a primeira tentativa de 1189, surtiram efeito. A cidade era conquistada a seguir a Faro (que caiu em 1249), na campanha militar que Afonso III empreende na região. Na altura acompanhava-o o chanceler Estêvão Annes. Os seus feitos para a causa foram tais que acabou recompensado com a doação de outro castelo e de todos os haveres nos seus limites territoriais. Trata-se do castelo de Porches, do qual já quase nada resta.

Esta fortificação, que tem sido relacionada com os vestígios encontrados entre Crastos e Porches Velhos, mais a montante, é também atribuída aos mouros. Identificada com as ruínas de uma estrutura quadrangular em taipa situava junto ao mar, imediatamente a noroeste da ponta da Nossa Senhora da Rocha, assemelha-se, tal como a de Estômbar, mais a uma torre de vigia que a um castelo propriamente dito. Está-se em crer que nem em Estômbar nem ali terão existido imponentes estruturas.

Todavia, a resposta do prior de Porches ao inquérito paroquial de 1758, que apurou o grau de devastação do terramoto registado três anos antes, demonstra que quando o abalo se deu as muralhas do dito castelo estavam de pé. Deve-se ter em conta que passaram 258 anos, daí que a estrutura, que poderia não passar de uma torre costeira erguida num local ocupado pelos romanos e por comunidades pré e proto-históricas, só já se preserve pelos alicerces de um grande quadrilátero arrasado.

E embora se tratasse de um local estratégico que, depois de retornar à coroa com a morte de Estêvão Annes, interessava desenvolver e povoar como núcleo defensivo contra a navegação moura, uma estratégia que viria a ser concretizada por D. Dinis, em 1286, com a atribuição do Foral a Porches, a escassez dos vestígios visíveis à superfície aliada ao reduzido número de soldados destacados e à posterior construção do forte da Senhora da Rocha, a escassas centenas de metros, mostra que o “castelo”, a tê-lo sido, não era muito grande.

Texto: Ismael Estevens Medeiros | Imagem: [kidscoloringpages.org](https://www.kidscoloringpages.org)



Fontes: BOTÃO, Maria de Fátima (1990) – *O Foral de Porches*, Faro: Algarve em Foco Editora; CALLIXTO, Carlos Pereira (1991) – *Castelos e Fortificações Marítimas do Concelho de Lagoa*, Faro: Algarve em Foco Editora, pp. 11-18; COUTINHO, Valdemar (2006) – “Da Idade Média a Meados do Século XVI” in *Lagoa. Património Histórico e Natural*, Lagoa: Câmara Municipal, pp. 13-15; GOMES, M. V.; CARDOSO, J. L.; ALVES, F. (1995) – *Levantamento Arqueológico do Algarve. Concelho de Lagoa*, Lagoa: Câmara Municipal, pp. 43-44, 89; REIS, João Vasco (2009) – *Estômbar e o seu Castelo, no Tempo e na História*, Lagoa: Câmara Municipal, 199pp.; SANTOS, Rossel Monteiro (2001) – *História do Concelho de Lagoa*, Lagoa: Câmara Municipal/ Edições Colibri; VIOLA, Alda Rodrigues (2007) – *O Lugar de Santiago de Estombar, no Séc. XVI (Visitações de 1585 a 1595)*, 2ª Edição, Lagoa: Câmara Municipal, 134pp.